

Diagnóstico Preliminar do uso de Espécies Medicinais na Região das Missões/RS

Nilvane Teresinha Ghellar Müller¹, Alberi Noronha², Daniel Mendes da Silva³,
Douglas Fernando Rambo⁴, Julio Ricardo Bastos⁵ e Rosiana Berté⁶

Introdução

A busca por uma melhor qualidade de vida tem procurado novas formas de produção de alimentos, preconizando mudanças na própria alimentação e também nos tratamentos terapêuticos. O estudo das potencialidades fitoquímicas de plantas medicinais justifica-se em função de que o mercado nacional de medicamentos, sobretudo nos últimos anos, tem passado por uma modificação significativa no seu perfil, exemplo disso é o acréscimo no uso dos medicamentos genéricos, manipulados, fitoterápicos e homeopáticos. Essa mudança, em muitos casos, acompanhou a redução do poder aquisitivo da grande maioria da população, ou ainda, a reavaliação nos hábitos de consumo, incluindo o manejo da saúde. Esse quadro evidencia a crescente busca por terapias alternativas e populares, das quais a fitoterapia é um dos principais representantes.

Adicionalmente o Governo Federal tem estimulado, nos programas de saúde pública, o atendimento primário através do Programa de Saúde da Família. Esse enfoque dá prioridade à prevenção de estados patológicos, o que muitas vezes pode ser viabilizado com a utilização de terapias tradicionais, incluindo o emprego de plantas medicinais com atividades farmacológicas. O estudo objetivou diagnosticar o potencial fitoquímico popular das espécies medicinais na região do Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Missões, Rio Grande do Sul.

Material e métodos

A área do estudo abrange a região do COREDE Missões, composta por 25 municípios - Bossoroca, Caibaté, Cerro Largo, Dezesseis de Novembro, Entre-Ijuís, Eugênio de Castro, Garruchos, Giruá, Guarani das Missões, Mato Queimado, Pirapó, Porto Xavier, Rolador, Roque Gonzáles, Salvador das Missões, Santo Ângelo, Santo Antônio das Missões, São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões, São Nicolau, São Paulo das Missões, São Pedro do Butiá, Sete de Setembro, Ubiretama e Vitória das Missões. Essa região conta com uma população em torno de 250.000 habitantes, da qual

cerca de 35% vive no meio rural [1].

A ferramenta utilizada neste trabalho para a pré-seleção de insumos vegetais com atividade farmacológica foi um questionário semi-estruturado aplicado na população da zona rural entrevistada, seguido da análise bibliográfica disponível [2,3], formando um banco de dados de extrema importância para o trabalho com as plantas.

Em síntese, as questões abordadas visaram identificar o conhecimento popular, o cultivo, a forma de obtenção e a utilização de espécies medicinais por parte dos produtores rurais. O tamanho e a intensidade da amostragem foram definidos com base na diversidade das zonas agroecológicas e dos tipos de agricultores analisados em todos municípios de abrangência do COREDE Missões.

Os dados obtidos foram analisados pelo software estatístico Sphinx, envolvendo as seguintes variáveis: percentagem de espécies cultivadas e comercializadas, forma de preparo, consumo médio diário e modo de obtenção da espécie.

As matérias-primas vegetais selecionadas previamente por critérios como frequência de utilização, interesse econômico e produtividade, foram coletadas, preparadas as exsiccatas e, após, depositadas no Herbário da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões no município de Santo Ângelo, RS.

Os estudos fitoquímicos abrangeram, num primeiro momento, o objetivo de certificar a identidade da planta e garantir a mínima qualidade para permitir a utilização desta como fonte de propagação para cultivo. Adicionalmente, a implementação de protocolos de avaliação de classes de alguns marcadores específicos de metabólitos secundários de cada espécie permitirá a inserção da universidade como pólo de controle de qualidade de plantas medicinais que possibilitará o atendimento de produtores de abrangência do COREDE Missões.

Resultados e Discussão

Ao se analisar o ambiente microrregional, identificou-

1. Professora do Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Av. Universidade das Missões, 464, Santo Ângelo, RS, CEP 98.802-470. E-mail: nil@urisan.tche.br

2. Pesquisador da FEPAGRO, Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária. BR 285 Km 485, Ijuí, RS CEP 98700-000. alberinoronha@fepagro.rs.gov.br

3. Farmacêutico industrial, Rua Jaú, 98 Bairro Cristo Redentor, Porto Alegre, RS, CEP 91040-080 mendesfarma@ig.com.br

4. Bolsista da FAPERGS do Departamento de Farmácia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Av. Universidade das Missões, 464, Santo Ângelo, RS, CEP 98.802-470. E-mail: dramfar@urisan.tche.br

5. Bolsista da FAPERGS, do Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Av. Universidade das Missões, 464, Santo Ângelo, RS, CEP 98.802-470. jbasbio@urisan.tche.br

6. Bolsista do PIIC/URI, do Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Av. Universidade das Missões, 464, Santo Ângelo, RS, CEP 98.802-470. rberbio@urisan.tche.br

Apoio financeiro: FAPERGS e PIIC/URI.

se a monocultura como predominante no setor rural. A possibilidade de incrementar, ou até mesmo tornar como base da atividade econômica de pequenas áreas rurais, o cultivo de plantas medicinais, desperta a necessidade de identificar a posição atual dos agricultores em relação a esse tema.

Devido às atividades econômicas desenvolvidas junto às propriedades dos entrevistados, identificou-se que grande parte dos produtores não cultiva espécies medicinais para fins de comercialização. Foi identificado que apenas uma pequena parcela, cerca de 2,23%, dos produtores se vale da coleta de macela ou marcela (*Achyrocline satureioides* Lam. DC) para incrementar a renda familiar. Esse procedimento ocorre somente em março que é o período de floração da espécie e, portanto, pouco representativo na escala econômica rural. Já em 97,77% dos casos o cultivo/coleta ocorre apenas para o consumo familiar.

A comercialização da macela pode ser facilitada devido à rapidez na dessecação e preparo dos maços que é a forma mais usada para o fornecimento no comércio informal tanto para uso na medicina popular como na ornamentação.

Dentre as espécies medicinais toleradas pelos agricultores na região do COREDE Missões destaca-se a macela em 92,31% das residências. Outras espécies como a quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.), manjerona (*Origanum majorana* L.), malva (*Malva sylvestris* L.) e o boldo (*Peumus boldus*) também se fazem bastante presente, neste caso em 76,23%. Além dessas encontrou-se a erva-cidreira (*Melissa officinalis*), a hortelã (*Mentha arvensis*), o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) e a sálvia (*Salvia officinalis* L.).

O consumo de espécies pode se dar de diferentes formas como por meio de tinturas, chás (decoção e infusão), maceração a frio e ainda por turbo-extração, dentre outras. Em geral, verifica-se que a forma de preparo das plantas medicinais geralmente é passada de geração a geração. De acordo com os dados obtidos, o uso destas plantas se dá a partir de chás por meio de infusão das folhas, em 92,31% dos casos. E, 7,69% dos entrevistados preferem preparar e ingerir o chá por decoção de ramos e folhas. As demais formas alternativas para o uso das plantas não foram abordadas até o momento. Esses resultados se devem a agilidade de preparo do chá aliada à caracterização e ao hábito de utilização das espécies mais consumidas por estas pessoas.

Os resultados obtidos alinham-se ao argumento de que a fitoterapia na saúde pública deve levar em conta uma habilidosa seleção do material e das formas de sua administração. Simões [2] ainda acrescenta que existem diversas formas de preparação de produtos de uso fitoterápico, cujas técnicas extrativas e procedimentos de obtenção já estão relatados na literatura usual de técnicas

farmacêuticas, como por exemplo, a maceração, a infusão, a decoção e as pomadas.

De acordo com os entrevistados o consumo geralmente se dá a partir de uma vez ao dia, que normalmente é adicionado ao chimarrão, ou eventualmente quando estão com algum problema de saúde. (Fig. 1).

A avaliação da forma de obtenção das mudas é essencial, uma vez que para se investir no cultivo dessas espécies é fundamental que se possa contar com fornecedores que oferecem mudas de qualidade. No estudo verificou-se que a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) possui uma boa participação intermediando no fornecimento das mudas de plantas medicinais para produtores interessados nesse mercado.

O cultivo das plantas medicinais geralmente se dá a partir da obtenção e manejo de mudas já enraizadas, através de sementes e estaquia. Isso ocorre devido à facilidade no desenvolvimento após o transplante a campo.

A recomendação do uso e do consumo de plantas medicinais geralmente se dá a partir de familiares e de pessoas ligadas ao seu cotidiano diário. Esses dados conferem com Lorenzi [4] o qual destaca que este conhecimento é passado de geração a geração, devendo-se aos primeiros europeus que ao chegarem ao Brasil depararam-se com grande quantidade de plantas medicinais em uso pelas tribos que aqui viviam e que por intermédio desses o uso e conhecimento passou gerações, inclusive aos europeus.

Agregando a necessidade de diversificação de renda agrícola, existe a tendência mundial pela busca da cura e da prevenção de doenças a partir do consumo de remédios e/ou drogas (plantas) naturais. Atualmente, o uso de plantas medicinais está restrito a população de uma faixa etária mais elevada, ou então, a pessoas que convivem em locais com características interiores.

Agradecimentos

Agradecemos a URI Santo Ângelo e FEPAGRO.

Referências

- [1] FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 2005. Rio Grande do Sul, disponível em : < <http://www.fee.tche.br> > acessado no dia 12.07.2006.
- [2] SIMÕES, C.M.O.; et al. 1999. Farmacognosia: da planta ao medicamento. Porto Alegre/Florianópolis, Editora da Universidade UFRGS / Editora da UFSC. 833.
- [3] SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STHMANN, J.R. 1995. Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora da Universidade UFRGS/Editora da UFSC. 173.
- [4] LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. 2002. Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas. Nova Odessa, Instituto Plantarum. 512.

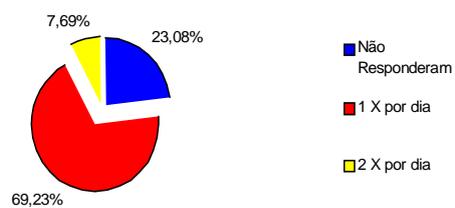


Figura 1. Consumo diário de espécies medicinais na região do COREDE Missões. Santo Ângelo, RS, 2006.